

NO LIMAR DO SÍNODO SOBRE A VIDA CONSAGRADA

Ao longo da história, o Espírito suscitou homens e mulheres de grande santidade, dotados de carisma e graça especiais, para serem em seu momento histórico presença significativa para a Igreja e para a sociedade. Deixaram após si seguidores que perpetuaram a obra do fundador. Nomes como Agostinho, Bento e Escolástica, Bernardo, Francisco e Clara, Domingos, Inácio, Teresa de Jesus, João da Cruz, Francisco de Sales e Joana de Chantal, João Bosco, Charles de Foucauld e tantos outros perfilam plêiade maravilhosa de santos que enriqueceram a Igreja com suas fundações.

Esta Vida Religiosa (VR), que vem animando a Igreja, participando de suas crises e renovações, ocupará a atenção do próximo Sínodo, momento importante da colegialidade episcopal. A escolha da VR, como tema, revela a atenção solícita da Igreja e a esperança nela depositada.

Os religiosos levaram muito a sério a convocação para refletir sobre sua vida e missão. Em muitos lugares, procurou-se aprofundar o tema da a fim de enriquecer as discussões sinodais. Entre essas iniciativas excele o Congresso Internacional sobre "A vida consagrada hoje: carismas na Igreja para o mundo" de iniciativa da União dos Superiores Gerais (USG).

O documento emanado do Congresso realizado em Roma em novembro de 1993 vem com a chancela da União dos Superiores Gerais. Por duplo título, tal texto assume singular importância. Os superiores gerais, que o assumiram, representam, pela via da eleição, de maneira oficial e reconhecida, os religiosos de suas congregações e possuem pelo exercício do cargo experiência ampla e mundial. Nesse encontro privilegiado pôde-se sentir o pulsar vivo da atual VR com todas as suas tensões, fraquezas, mas também esperanças e promessas.

O documento reafirma com clareza a natureza carismática da VR, detecta seus desafios principais e explicita suas expectativas sobre o Sínodo.

O título já nos situa no coração da VR. Atesta-se sua natureza de "carisma", "na igreja" e "para o mundo". Sendo carisma, a VR pertence ao mundo da liberdade, da gratuidade, do dom. Dentro da própria Igreja, toda ela dom de Deus, a VR é duplamente dom. Emana da superabundância gratuita de Deus que a quis como carisma de liberdade no interior da Igreja em vista do mundo.

Dom que se manifesta na pluralidade dos carismas na unidade da comunhão. A comunhão se faz na profunda unidade da experiência do Deus Trindade, que é a fonte última de toda VR. Doutro lado, Deus Trino deixa-se experimentar na diversidade dos tempos, das geografias, das psicologias, das culturas. Por isso, equivocam-se os que pensam servir a Deus e a Igreja no seu afã de enquadrar a VR em projetos, leis, normas rígidas e uniformizadas.

Ao realizar-se no interior da Igreja, a VR presta-lhe o serviço de despertá-la continuamente para a gratuidade e liberdade. Existindo a serviço do mundo, assume-lhe os desafios.

Os bispos em Santo Domingo perceberam com clareza o gigantesco desafio da inculturação. Por força de seu carisma de liberdade, pela sua condição histórica de fazer-se presente em todas as partes do mundo, sobretudo naqueles rincões mais afastados culturalmente e nos bolsões urbanos dos excluídos, a VR sente-se chamada a realizar a mais profunda inculturação. Em nosso contexto de VR, as pequenas comunidades inseridas nos meios pobres vivem tipo singular de inculturação. Tanto maior é o desafio quanto mais se sabe da triste ausência dos mais pobres, marginalizados e excluídos da frequência de nossas igrejas, como recentemente revelou a pesquisa feita pelo Projeto Pastoral Construir a Esperança da Arquidiocese de Belo Horizonte. Inculturar o evangelho no mundo dos pobres continua constituindo-se um dos maiores desafios de nossa missão evangelizadora.

Tanto mais grave se faz essa urgência de inserção inculturada no meio dos pobres, quanto mais dramática se torna a sua crescente exclusão. Antes latejava a túrgida esperança fundada de que a libertação dos pobres raiaria em horizonte perceptível. Duas décadas depois, constata-se com tristeza e angústia que os pobres desceram ainda mais na escala social, não só para os porões da miséria, mas também para os campos da exclusão, sem esperança de serem reconduzidos até mesmo a sua pobreza anterior. Se a Igreja, e nela os religiosos, não se sentirem chamados para ir ao encontro das massas crescentes de excluídos, cada vez menos elas poderão entender e experimentar a verdadeira compaixão que Deus lhes tem. Sem o calor da presença humana da Igreja, dificilmente essas multidões saberão do projeto primigênio de Deus para que toda a humanidade tenha vida e vida em abundância.

Os anos do pós-concílio, por muitas razões, assistiram a drástica redução numérica dos religiosos/as em quase todas as partes do mundo e em quase todas as congregações religiosas. A diminuição numérica não correspondeu

uma redução proporcional das obras. E com os recursos modernos da medicina a expectativa de vida das pessoas ampliou-se. Assim muitas congregações defrontam-se com enorme conjunto de obras para forças humanas envelhecidas e reduzidas. Nesses momentos impõem-se sério discernimento de obras e renovação interior para disporem-se as pessoas a assumir aquelas obras que significam maior serviço ao mundo na Igreja.

No entanto, nem sempre a simples redução das obras corresponde aos imperativos do momento, já que talvez se necessite de outras frentes apostólicas. A redução de obras só tem sentido se ela implica também em deslocamento do campo de trabalho.

A modernidade na sua face mais monstruosa vem semeando violência por todas as partes. Algumas de nossas grandes cidades e regiões do campo vivem o drama diário da violência. Agravam-na o descuido sistemático e a corrupção escandalosa dos poderes que terminam por acobertar os criminosos, a degradada situação das forças policiais, envolvidas, em muitos casos, com a criminalidade, o tráfico de drogas e o crescente espírito individualista. As vítimas vêm-se entregues a sua própria desgraça. A VR tem iniciado experiências ousadas de presença no coração dessa violência, embora ainda diminutas e balbuciantes. Abre-se para ela enorme espaço profético, como nos recordam os superiores gerais.

Hoje tem aparecido mais claramente o desafio missionário à nossa Igreja. Além do Sínodo, outro fato de relevo poderá contribuir, sem dúvida, para tal despertar. Com efeito, a Igreja da América Latina prepara-se para celebrar em Belo Horizonte, em 1995, o 5º Congresso missionário latino-americano — COMLA V —. Entre seus objetivos está avivar a consciência das igrejas locais para a dimensão missionária da Igreja, não só no seu interior, mas também para fora de seus limites, “ad gentes”. As congregações religiosas missionárias desempenham papel fundamental no processo de alimentar e concretizar tal vocação. Animada por estes dois eventos — Sínodo e COMLA V — a VR poderá reavivar seu ardor pela missão “ad gentes”. A rica autocrítica de Igreja nossa sobre a prática evangelizadora, realizada a propósito dos 500 anos da primeira evangelização, poderá ser inspiradora para os religiosos da América Latina. Mais que outros deverão sentir-se chamados ao diálogo inter-religioso no clima de liberdade, de respeito e aprendizado mútuo.

Outro desafio mencionado pelo Documento da USG é o fenômeno da pós-modernidade na sua característica de denúncia da insatisfação face à tirania da razão, da máquina, da auto-suficiência com o risco do fácil consolo de uma religião “leve”, manipulada por gigantesco aparato científico-tecnológico eletrônico e alheada da luta pela justiça. A pós-modernidade tem afetado mais diretamente as classes abastadas e nelas os jovens. A VR não pode desconhecer este fenômeno com risco de já não saber falar às novas gerações de hoje com enorme dano para a evangelização. A VR tem tradição religiosa suficiente, de peso e também de atualidade, para contrapor-se ao

"leve" das experiências religiosas propostas pela "Nova Era". Certamente no campo da espiritualidade se joga, em grande parte, o futuro da própria VR.

Enfrentada com estes e outros desafios, a VR alimenta expectativas e esperanças sobre o Sínodo. O Sínodo congrega membros de todas as partes do mundo. São pessoas vindas com as experiências mais diversas da e sobre a VR. Muitos são religiosos. Outros conhecem bem ou mal a VR. Mas, em todos os casos, ninguém está isento do risco humano de universalizar sua própria experiência não imune dos preconceitos, das possíveis experiências negativas com religiosos/as e das incontornáveis visões ideológicas, que podem perturbar a clareza no juízo e prejudicar as tomadas de posição. Por isso, soam sábias as sugestões da USG de que o Sínodo tome uma "atitude que parta do vivido pela VR como realidade viva, dinâmica e diversificada na Igreja", que "se ouçam as pessoas que presidem os organismos responsáveis pelo acompanhamento da Vida Consagrada" e que a palavra do Sínodo "seja de estima e alento".

A discussão sobre a VR num Sínodo, independentemente das pessoas concretas que o constituem no momento, significa, sob o aspecto eclesiológico-estrutural, diálogo original, enriquecedor, mas não isento de riscos. Como órgão oficial do episcopado, o Sínodo representa a Igreja institucional em uma de suas mais importantes instâncias. A VR, por natureza, situa-se no contrapolo da instituição com sua liberdade carismática, mesmo que a instituição eclesial seja ela também carismática. Mas a presença e o modo do carisma nas duas não se realizam da mesma maneira.

A Igreja é instituição-carisma no sentido de que sua organização tem aspectos diretamente queridos pelo Senhor, o ministério ordenado se constitui pela graça da ordenação e ela conta sempre com a promessa da presença do Espírito. Apesar de todas as garantias carismáticas, a instituição eclesial se reveste de formas históricas, fortemente influenciadas pela cultura, pelos modelos sociais de poder, de modo que a dimensão carismática se encarna e se prende nelas. Nem sempre tem a flexibilidade de ir acompanhando a história. Em certo momento, a forma organizacional da Igreja pode ligar-se ao modelo cultural de poder vigente numa época já passada, tornando-se destarte defasada em relação às novas formas sociais, geradas no caminhar da história.

Por sua vez, a VR é carisma-instituição. Francisco queria deixá-la cercada unicamente pelo "Evangelium sine glossa", Inácio desejava confiar a sua ordem "à lei interior da caridade e do amor escrita pelo Espírito Santo nos corações", traduzindo assim essa força predominantemente carismática. Mas depois vieram as constituições, que, apesar de o nome soar demasiado jurídico, em muitos casos, não passaram de tematizações de princípios profundamente espirituais e carismáticos. No entanto, a VR pós-tridentina perdeu muito de sua agilidade carismática, sobrecarregando-se de pesada legislação. O sopro primaveril do Pentecostes do Vaticano II aliviou-a e fê-la mais lépida.

O Sínodo será o encontro da instituição-carisma com o carisma-instituição. A resultante promissora e alvissareira dependerá do jogo dessas duas forças. Se o carisma, a dimensão principal da VR, servir para renovar, estimular o lado carismático da instituição eclesial, podemos esperar frutos úberes. Mas se a face institucional da Igreja atar e prender o carisma, não deixando fazer ecoar suficientemente seu lado carismático, a perda será para as duas realidades. Por isso, a USP auspícia que "os carismas da Vida Consagrada sejam acolhidos e promovidos no respeito à pluralidade de formas de tal Vida Consagrada, em sua especificidade e complementaridade, na comunidade com todas as realidades do povo de Deus, impulsionando sua criatividade e seus novos caminhos na liberdade e no discernimento segundo o Espírito, sem medo das mudanças e do imprevisto".

Com os olhos voltados para esse magno encontro, trabalha-nos o coração a esperança de que as liberdades humanas durante o Sínodo se deixem docilmente conduzir pela força do Espírito que foi prometido à Igreja-instituição e é a alma inspiradora de toda VR.